



CLERMONT-FERRAND

CLERMONT-FERRAND

A chegada a essa cidade no final do domingo, dia 12 de dezembro de 2010, é um pouco desanimadora. Ela corresponde às imagens que construí, com as leituras dos manuais de Geografia Econômica, durante o curso de graduação: uma cidade industrial européia. À medida que entramos, procurando pelo Novotel, alongam-se pelo caminho setores produtivos de diferentes tempos: - indústrias típicas da Primeira Revolução Industrial, com sua arquitetura inglesa e suas chaminés de tijolo aparente; - plantas industriais características do período fordista, extensas com suas grandes áreas de estocagem; - exíguos distritos modernos com edificações em vidro espelhado, abrigando pequenas unidades de produção industrial leve, do pósfordismo atual.

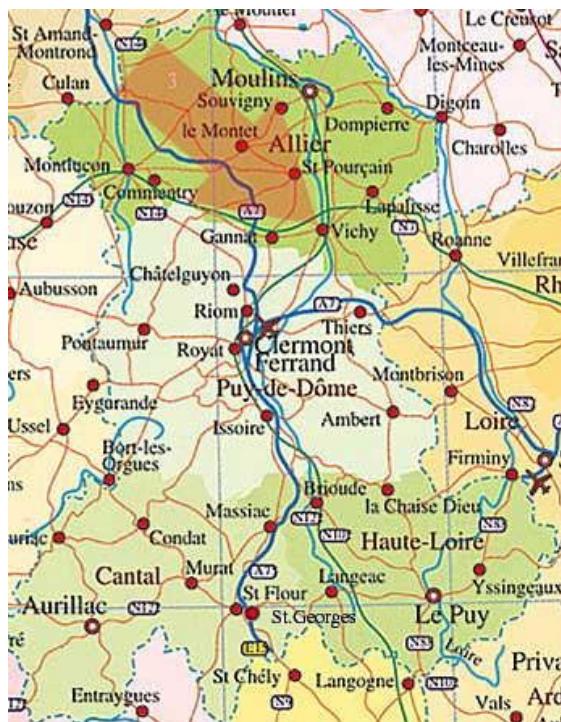
Essa mescla de tempos não é, entretanto, agradável como poderia ser, porque à densidade construtiva promovida pela industrialização sobre-põem-se residências de todo tipo, de todo tamanho, sem qualquer unidade arquitetônica, formando um conjunto deselegante e sujo, já que as paredes e os telhados marcados pela poluição testemunham que estamos, de fato, numa cidade industrial.

Após alguns dias na região La Loire, na qual a arquitetura e o urbanismo refletem a opulência e a elegância, meio aristocrática, meio burguesa, dos séculos XVI, XVII e XVIII, Clermont-Ferrand impõe-se, espelhando a rudeza das paisagens do capitalismo industrial, do século XIX.

No livro *O Direito à Cidade*, Henri Lefebvre afirma que o longo processo de urbanização, desde a Antiguidade, só passou por um profundo momento de inflexão, podendo se reconhecer, então, a urbanização pré-industrial e a que se redefine com a industrialização. Esta acomete a cidade, torna-a espaço de produção, submetendo seu caráter monumental, que se estendia por diferentes civilizações (acho que ele não usou esse conceito, mas eu adoto aqui apenas para facilitar a

comunicação) desde 3.500 anos antes de Cristo. As funções urbanas necessárias ao desenvolvimento da industrialização escurecem, para ele, a cidade como obra, ainda que a opressão sobre os homens tenha se arrefecido com o novo modo de produção.

Agora, vendo Clermont-Ferrand, numa França em que a urbanização já era intensa antes da industrialização e na qual o turismo se desenvolve, em grande parte, para expor, exibir e vender a urbanização pré-industrial, fica clara, para mim, a distinção feita por Lefebvre: se a urbanização ao longo do Vale de La Loire reflete o primeiro momento, essa que se estampa na paisagem de Clermont-Ferrand mostra a face do segundo. Em nada esta cidade parece graciosa, ou tampouco monumental, ainda que seja grande e que sua paisagem denote a acumulação dos tempos, já que suas origens são medievais. A grande Clermont-Ferrand, aquela que se constituiu em seu apogeu é a industrial, é a que hoje desempenha seus papéis centrais em relação à região administrativa de Auvergne, da qual é a capital, no domínio natural do Maciço Central francês, pouco guardando de significativo dos séculos anteriores ao XIX.



Um símbolo da força industrial de Clermont-Ferrand está na presença da sede do grupo Michelin localizada próxima ao centro, ocupando uma extensa área com várias edificações, uma delas mais imponente, onde tenho a impressão que ficam os escritórios centrais da empresa. Trata-se de grupo que abriga uma das maiores transnacionais de pneumáticos, se não a maior, além de outras empresas, entre elas, a responsável pelos famosos guias Michelin.

As temperaturas, na manhã dessa segunda-feira, anunciam que a semana será fria. O termômetro no nosso carro varia de 2 a -2 graus e, assim, passamos a manhã percorrendo a pé o sítio histórico de Clermont-Ferrand. Ele se situa na porção mais elevada do espaço topográfico sobre o qual se assenta hoje a cidade. De fato, o centro histórico está em cima de uma cratera de vulcão extinto, o que explica sua condição elevada em relação ao entorno. Mais uma vez, destaca-se a articulação entre sítio e posição, tão presente na localização das cidades européias.

O que é, hoje, o centro histórico de Clermont-Ferrand é composto pela junção de duas *cités historiques* – a de Clermont e a de Montferrand – o que ajuda a entender seu nome composto.

Atualmente, esses dois centros, muito próximos entre si, são abraçados por uma via sinuosa, na qual há uma linha de trem urbano de superfície, que os articula e que faz a ligação com os demais setores da cidade que cresceu muito e se uniu a outras, formando uma aglomeração que, em suas bordas, conforma um tecido urbano disperso, incluindo *villages* e pequenas propriedades rurais tão próximas umas das outras que é difícil reconhecer onde termina a cidade e começa o campo.

O patrimônio histórico mais importante, segundo os destaques dados pelo Guia Michelin está na *cité* de Clermont e para lá vamos, com o mapa nas mãos, curtindo a cartografia pictórica que os franceses sabem fazer muito bem.



Acima, o tranway que liga as duas partes do centro histórico de Clermont-Ferrand e essas aos bairros. Nesse ponto, ele atravessa uma praça central que compõe uma grande área de pedestres, razão pela qual não há praticamente desnível entre a via por onde ele passa e as áreas adjacentes, sendo que o trem corre sobre um trilho no meio e sobre pneus nas laterais. No chão, a sombra do fotógrafo Eliseu, no momento do registro.

A essa *cité*, tem-se acesso após estacionar o veículo num dos grandes *parkings* que foram edificados com quatro pavimentos subterrâneos sob essa porção antiga. Essa iniciativa é uma maravilha na Europa: construir grandes estacionamentos sob a área do centro histórico possibilita que ela não seja abandonada pelas classes média e alta que, em parte, passaram nas últimas décadas a se locomover de carro, até porque a urbanização difusa levou, muitos entre esses, a residir em pequenas *villages* ou em áreas residenciais modernas ao longo das rodovias.

Saindo-se do estacionamento, logo se encontra o centro de informações turísticas que se localiza muito próximo do Hotel de Ville e lá a quantidade de material informativo encanta um brasileiro, por oposição ao descuido que temos em nosso país em relação a esse aspecto. No mapa que obtemos, estão sugeridos três percursos considerados interessantes para conhecer a área central: 1. circuit Saint-Pierre; 2. circuit Saint-Genès; 3. circuit du Port.

Na junção entre os três está a catedral Notre Dame d'Assumption, por onde iniciamos o passeio pelo centro histórico. Ela começou a ser elevada em 1248 e sua originalidade está na matéria-prima – pedras originadas de lavas vulcânicas, o que nos faz compreender duas peculiaridades: - a sua cor escura que não me parece, sinceramente, agradável, mas explica o codinome da cidade que é *ville noire*, já que outras edificações também são feitas desse material; - a dureza dessa rocha, o que possibilitou que as colunas que erguem essa catedral gótica sejam mais delgadas, precedendo o efeito que, séculos mais tarde, seria possível com o concreto armado e o aço. De fato, é impressionante a altura dessa igreja, observando-se, internamente, o seu teto.

Os vitrais são maravilhosos, principalmente as rosáceas cujos tons variam entre vermelho, lilás, maravilha e roxo. Lamento que as paredes não sejam claras para realçá-los melhor e, tampouco, a luminosidade do dia favoreça que a foto seja fiel ao lindo colorido.



Acima, duas fotos da Catedral de Notre-Dame d'Assumption, nas quais se destaca a cor escura da rocha vulcânica. Sendo uma igreja do período medieval, sua posição não é suntuosa, ou seja, não há os espaços vazios que lhe valorizariam, caso fosse um produto da cidade comercial burguesa. Isso dificultou uma boa foto de conjunto.

Em seguida, começamos a fazer os circuitos sugeridos e iniciamos pelo denominado Saint-Pierre. Ele é marcado por um ambiente, que o próprio material informativo dedicado ao turista, caracteriza como uma mescla entre o medieval e o contemporâneo, contendo o coração comercial da cidade, com grandes magazines (Lafayette, Fnac, Printemps, por exemplo), pequenas boutiques e o grande Théâtre. Os pequenos restaurantes sucediam-se pelas ruelas intermediadas por praças e jardins. Fazendo esse percurso, dou-me conta do quanto a França empobreceu nessa década. As pessoas que andam pela rua estão menos elegantes, os imóveis não estão tão bem cuidados. A crise internacional que se abateu sobre o capitalismo no final de 2008 deixou suas marcas na paisagem e nos semblantes, porque o desemprego se ampliou ou o medo dele deixa todos mais preocupados e mais precavidos.



O teatro imponente é uma das edificações do circuito Saint Pierre. Na página seguinte, a grande praça de Clermont-Ferrand, tendo à direito, a fachada das Galeries Lafayette, principal magazine francesa, que tem filiais nas principais cidades do país, além da enorme e elegante magazine localizada em Paris, tem que até estação de metrô que tem saída direto para ela.



Passando ao segundo percurso, temos outra visão da cidade. Ele é classificado como eclético, porque reúne ruelas do período medieval e os boulevards dos séculos XVIII e XIX, onde estão a Escola de Belas Artes,

o Hotel de Ville, a sede do governo provincial, bem como o bairro das universidades.

Não há nada de muito especial, em Clermont-Ferrand, comparativamente a outras cidades francesas e européias, mas chama atenção a importância que têm, na estrutura e na paisagem urbana, os edifícios públicos mais importantes como o Hotel de Ville, que abriga a Mairie (seria, no Brasil, parecido com a prefeitura, embora não tenha exatamente as mesmas funções); o Théâtre, visto no primeiro circuito, onde se desenvolve a vida cultural de alto nível nas cidades francesas: balés, óperas, peças, exposições etc. Essas grandes construções são cercadas por um centro vivaz que mantém seu papel e por uma presença abundante de espaços públicos (praças, parques, vias de uso exclusivo dos pedestres), o que convida a estar a se apropriar dos centros. Esse contexto e essa visão de urbanismo gera e conserva um conjunto de práticas socioespaciais bem diferentes do que vivemos nas cidades brasileiras e isso não se pode estender às cidades latinoamericanas, porque se sente certo jeito europeu, no que concerne ao espaço público, tanto na Argentina como no Chile.



Acima, a fachada do Hotel de Ville, com algumas esculturas natalinas à sua frente.

É quase meio dia, de uma segunda feira gelada; muitos restaurantes não abriram, não sei se por uma razão (segunda feira) ou pela outra (o frio) e resolvemos voltar a um trecho do primeiro circuito, onde um resto (lê-se restô, bem como os franceses chamam popularmente os restaurantes, porque eles adoram abreviar todas as palavras) bem decorado havia me chamado atenção no meio da manhã. Chegando lá, Eliseu repara que é de comida vietnamita. O frio, a vontade de esquentar as mãos e o nariz enrelegados, tanto quanto o desânimo de continuar andando, empurram-nos para dentro e, ainda bem, porque se trata de um ambiente agradável e o perfume que vem da cozinha é ótimo. Cá estamos nós no Kim Oanh, 6, Rue des Chaussetiers.

Em tempos de globalização, dois brasileiros podem experimentar um excelente cardápio vietnamita, em meio a uma decoração moderna, cujos objetos, suponho, têm *design* sueco, enquanto se olha pela janela para uma grande praça francesa do século XVIII.

Depois das entradas super gostosas, Eliseu degusta uma casserole de calamares e crevèttes e eu um canette laquê.



Ao lado, Eliseu no inusitado restaurante vietnamita

O garçom, que parece ser o dono do restaurante, anota os pedidos, serve as bebidas e depois a comida, coloca as mesas com capricho e prepara as faturas no computador entre uma entrada e outra na cozinha para passar as ordens: é uma figura que merecia um conto. Não posso chegar à conclusão se ele tem 40 ou 60 anos. É ágil nas tarefas e possui, como a maior parte dos orientais, aquela silhueta esguia que denota juventude; quando chega mais perto, vêem-se as linhas do tempo no rosto, apesar da beleza da pele oriental; na terceira vinda dele à nossa mesa, posso perceber os cabelos pintados e os olhos cansados de alguém que já passou por tudo. O seu francês é elementar e suficiente. Quando lhe perguntei o que queria dizer *canette*, ele foi objetivo e simples: *bebé du canard*, ou seja, bebê de pato ou um patinho... Ao final do nosso almoço, quando a maior parte das mesas já está desocupada, ele já prepara os pratos para o jantar sobrepondo-lhes os guardanapos que dobra rapidamente, num formato todo rebuscado em estrela. Suponho que, quando estiver terminada a sessão do almoço, ele mesmo limpará cuidadosamente o banheiro que, aliás, brilhava, quando eu o utilizei.

Partimos, então, para o *circuit du port* para ver a outra igreja que o Guia Michelin recomenda – Basílique Notre Dame du Port. Sobre ela se informa que é uma das mais completas igrejas romanas da Auvergne; foi edificada em 1150 sobre uma cripta que já tinha, então, um século. Não é grandiosa como a catedral, tampouco finamente adornada por vitrais ou sobre-relevos, mas causa uma sensação melhor pelo aconchego, que a pintura interna amarela proporciona em comparação ao cinza escuro da outra. Ao longo desse circuito, também estão casas antigas, pequenas edificações de dois ou três pavimentos hoje ocupadas por antiquários e galerias de arte.

Ao lado, a Basilique de Notre-dame du Port, com suas formas romanas, mais sólidas e menos elegantes que as catedrais góticas francesas.



Observando a descrição de todos esses detalhes que, no Guia Michelin são ainda mais valorizados, alguém poderia pensar que Clermont-Ferrand é da lista dos lugares imperdíveis, mas vou logo avisando que não. Foi bom conhecer, mas não há ótimas razões para voltar.

O restante da tarde será destinado a um passeio pelos environs, pois queremos chegar a um platô alto de onde se poderia avistar a região ao longe. O que Eliseu desejava mesmo era subir ao Puy-de-Dôme, o pico mais alto do Maciço Central (vejam no mapa que ele está ao sul de Clermont-Ferrand), mas o frio, a caminhada prevista de uma hora e o céu completamente encoberto que temos hoje, desaconselham a empreitada. Optamos por uma mais modesta e saímos à procura de La Roche Blanche, pequena cidade aos pés do Plateau de Gergovie.

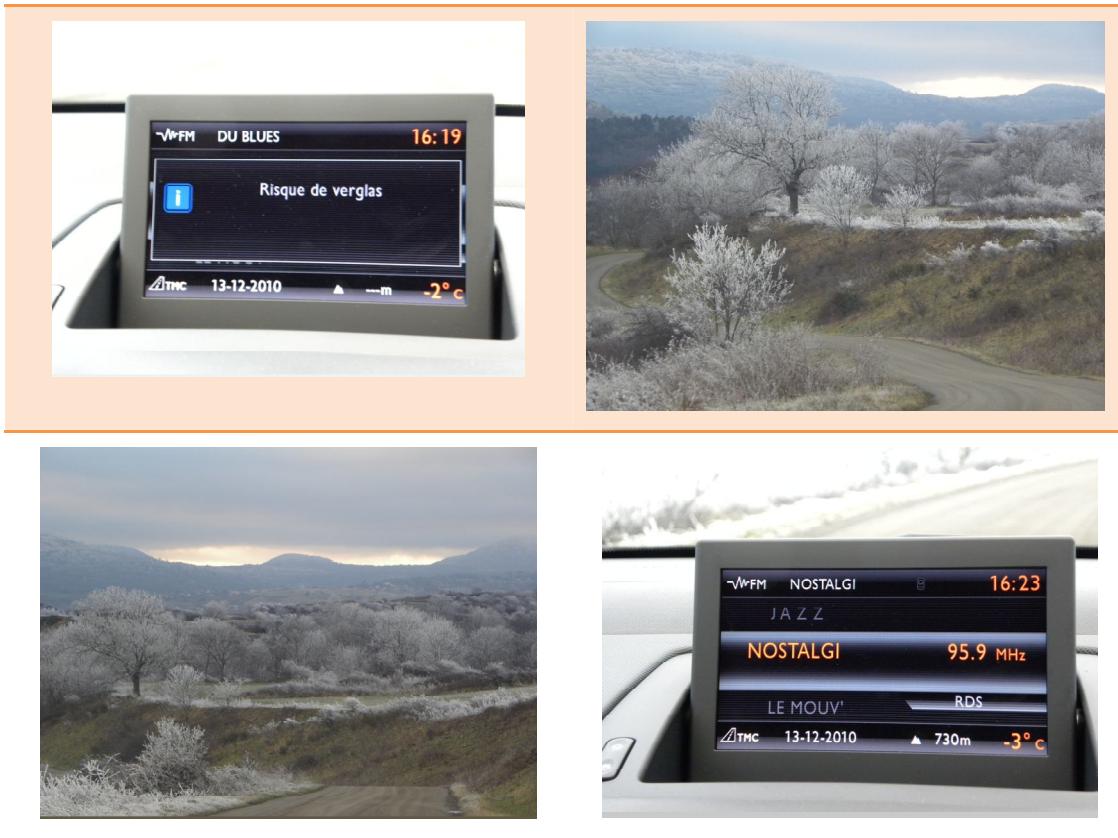
Subimos por uma estradinha sinuosa, tentamos aqui, erramos ali e, finalmente, alcançamos o enorme platô, do qual se pode avistar toda região que se estende ao sul de Clermont-Ferrand.

A vista é linda e, por volta de 16h, o termômetro acusa cinco graus negativos. De cachecol, boina, luvas e correndo para aquecer a alma, porque o frio cruzava a pele e chegava até ela, lá saímos nós do carro e nos colocamos a fotografar a vegetação esbranquiçada pelo gelo que a cobre – é como se tudo tivesse sido preparado para uma cena de natal europeu. Chama nossa atenção, que o vento sopra do norte e como o sol, incide do sul, as gotículas congeladas que se formam nas folhas alongam-se do norte ao sul, e esta face das árvores, descongelam durante o dia e ficam assim, com camadas menores de fios brancos do que a outra voltada ao norte. Enquanto nos deliciamos com essas maravilhas, um jovem treina com seu parapente: quando o vento sopra numa dada direção ele sobe num tablado com rodinhas, que se parece um pouco com um skate, e patina sobre a superfície gelada.

As fotos que se seguem mostram o monumento que se encontra no alto e as vistas que pudemos ver; os registros do termômetro denotam o frio que passamos e, ainda, pode se ter uma ideia da beleza da vegetação encoberta pela neve.

Sentindo esse frio é fácil compreender porque os habitantes de regiões em que predominam climas temperados e frios adoram o verão: eles mudam a cor da roupa, vestem-se como se estivessem no Caribe, com cores berrantes; substituem a decoração da casa, adornando-a com cortinas, toalhas floridas e mesinhas nos minúsculos pátios; eles enchem as varandas e janelas de jardineiras e vasinhos; mostram as pernas brancas e cabeludas (refiro-me às das mulheres) ao sol, onde quer que estejam, como se fosse possível sintetizar em si mesmos a energia que vem desse astro rei e, para nós brasileiros, parece tão banal, que chega a incomodar.





O vento cortava e resolvemos descer a encosta, passando por uma porção de *villages* que se estendiam ao sul até se alcançar novamente a autopista. Houve tempo, ainda, para conhecer Montpeyroux, uma graciosa cidade medieval, toda construída em pedra e que parece, hoje, ser ocupada por artistas (havia placas de oficinas de jóias e pequenas galerias) e por famílias de alto poder aquisitivo, que foram adquirindo aqueles imóveis, suponho como segundo moradia. Tudo estava bem *aménagé*, como dizem os franceses, os carros caros na porta das casas sugeriam os orçamentos deles.

Entramos no único estabelecimento comercial aberto durante o inverno – uma pequena brasserie – já que havia restaurantes que, tanto como as lojas, oficinas e ateliers estavam fechados. Tomamos um café e aqui ficamos sabendo que não há *boulangerie* naquela *village*. Bem, estando na França e não havendo onde comprar pão, pergunto-me se

esse gracioso lugarzinho merece que se pense sobre a possibilidade de se aplicar a ele o conceito de cidade.



A planta de Montpeyroux revela a disposição desordenada típica da cidade medieval: ruas que se estreitam e se alargam, grande parte delas sem saída, compondo um tecido urbano orgânico, expressão do traçado realizado pelos caminhos desenhados no decorrer do tempo. São bem diferentes das cidades tipicamente romanas, da Antiguidade, que eram, via de regra, ortogonais e resultado da decisão de implantação de um núcleo como forma de domínio político sobre um território conquistado. A muralha e a torres do castelo são duas outras marcas características da cidade medieval, antes de qualquer coisa, uma fortaleza.





Nas ruelas do burgo, o tempo parece que parou. Os cadeados testemunham que as permanências prevalecem sobre as mudanças, ainda que, na foto da esquerda, ele não seja mais, de fato, o que estabelece a interdição ao espaço privado, pois há um modelo contemporâneo, bem menor e provavelmente mais eficiente.



São pouco mais de 17h quando deixamos a cidade que, com o frio, parece vazia.